

A SAÚDE DESDE OS TERREIROS: DESAFIOS DA POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INTEGRAL DA POPULAÇÃO NEGRA NA PERSPECTIVA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS

Wanderson flor do nascimento

José Marmo da Silva (in memoriam)

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46421>

Resumo: Este artigo objetiva apresentar os sentidos e ações da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (Renafro) e suas contribuições para a implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, apontando como a Rede e os terreiros a ela vinculados percebem os processos de saúde e adoecimento, a importância do enfrentamento ao racismo e a fundamental presença dos povos de terreiro na participação do controle social, seja por ocuparem uma visão privilegiada sobre os limites e necessidades das políticas de saúde, seja pela partilha de saberes, valores e práticas ancestrais na prevenção e promoção da saúde. Aponta, ainda, os desafios e potencialidades de parcerias entre a Renafro e sistema Único de Saúde (SUS), na busca por equidade em saúde.

Palavras-chave: Terreiros. Equidade em Saúde. Saúde da População Negra. Enfrentamento ao Racismo.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar los significados y acciones de la Red Nacional de Religiones Afrobrasileñas y Salud (Renafro) y sus contribuciones a la implementación de la Política Nacional de Salud Integral de la Población Negra. Se trata de señalar cómo la Red y los *Terreiros* vinculados a ella perciben los procesos de salud y enfermedad, la importancia de combatir el racismo y la presencia fundamental de los *Terreiros* en la participación del control social, ya sea porque tienen una visión privilegiada de los límites y necesidades de las políticas de salud, o por compartir conocimientos, valores y prácticas ancestrales en prevención y promoción de la salud. Señala también los desafíos y potencialidades de las alianzas entre Renafro y el Sistema Único de Salud (SUS), en la búsqueda de la equidad en salud.

Palabras clave: *Terreiros*. Equidad en Salud. Salud de la Población Negra. Enfrentamiento al Racismo.

À memória dos agora ancestrais Mãe Stella de Oxóssi, Pai Euclides Talabiã, Makota Valdina, que foram conselheiras/os da Renafro, e de seu fundador, Ogan Marmo.

Palavras iniciais⁶

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra demanda esforços de diversos atores e atrizes sociais na busca de estratégias que garantam uma melhor qualidade de vida das pessoas negras de nosso país, promovendo a saúde, atuando na prevenção, além dos diversos níveis de atenção à saúde desta população já tão vulnerabilizada pelas estratégias racistas que configuram ainda o padrão de relações que dificultam o acesso de negras e negros de nosso país aos sistemas de saúde, assim como a outros serviços básicos disponíveis à população brasileira. As religiões de matrizes africanas e afro-indígenas surgem no contexto da resistência do povo negro ao racismo e suas estratégias mortificadoras que desumanizam e destroem a experiência das pessoas que carregam as marcas visíveis de uma ancestralidade africana.

Os Terreiros, locais onde as práticas, crenças e valores das religiões de matrizes africanas são privilegiados em nosso país, se constituem, nesse cenário, em lugares nos quais encontramos diversas estratégias de enfrentamento ao racismo e, também, de promoção da valorização das identidades negras no Brasil, fator fundamental para que outras relações entre pessoas negras e não negras em nossa sociedade se construam, em busca de uma sociedade mais igualitária, com menos desigualdades.

Embora as religiões de matrizes africanas não sejam compostas exclusivamente por pessoas negras, todo o seu sistema de crenças, seus valores, seus saberes e suas práticas são herdeiros de tradições negro-africanas, legadas pelas/os ancestrais que fundaram essas religiões, na busca de uma manutenção das identidades africanas que foram violentadas durante o período da escravidão e que continuam sendo, mesmo após a decretação legal do fim do regime escravista formal. Por isso, os terreiros são locais em que se respeitam todas as pessoas independentemente de sua pertença racial, acolhendo todas as pessoas independentemente de sua cor ou outras características vistas como traços raciais.

⁶ Este texto foi escrito em 2016 destinado, inicialmente, para um debate com o Ministério da Saúde sobre iniciativas da sociedade civil para a implementação e fortalecimento da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra. *José Marmo da Silva*, falecido em setembro de 2017, foi um educador, dentista e Ogan do Candomblé, profundamente comprometido com o fortalecimento dessa política, a partir da interação com as comunidades de Terreiro. Ele foi fundador e coordenador da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (Renafo), dedicando seu trabalho a mobilizar iniciativas nos terreiros e reverberar as já existentes no campo da saúde da população negra, da educação popular em saúde e da busca da equidade em saúde. A publicação deste texto inédito é uma homenagem a seu incansável trabalho e sua honrosa memória. Agradecemos a Marco Antonio Chagas Guimarães pela autorização da publicação deste texto.

Nesse ambiente de acolhimento e respeito, aliam-se a promoção e prevenção em saúde da população negra atendida pelos terreiros à promoção e prevenção em saúde da população não negra – tanto aquela que é adepta dessas religiões, quanto a comunidade circundante que procura os terreiros em busca de auxílio e mesmo de suprir a carência de acesso aos sistemas públicos de saúde. Sobre esta dimensão, Silva assevera:

Os templos afro-religiosos constituem-se, há séculos, em espaços de inclusão para os grupos historicamente excluídos, de acolhimento e de aconselhamento. As práticas rituais e as relações interpessoais que são estabelecidas nestes espaços possibilitam as trocas afetivas, a produção de conhecimento, o acolhimento, a promoção à saúde e a prevenção de doenças e agravos, bem como a renovação de tradições milenares, sobretudo por meio do uso das plantas medicinais (SILVA, 2007, p. 172).

Muito tempo antes da criação da Política Nacional da Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), os terreiros já eram, portanto, locais de promoção à saúde da população negra, uma vez que, em muitos casos – frente à restrição de acesso desta população aos serviços de saúde e do forte racismo institucional –, os terreiros findavam por ser o primeiro local em que a comunidade negra buscava cuidados para a sua saúde. Hoje, com a construção da Política, os terreiros podem ser parceiros potentes para sua implementação e consolidação, uma vez que a expertise em acolhimento sem segregação racial e o profundo conhecimento da realidade – e das mazelas – que o povo negro enfrenta em nosso país, capacitam os terreiros para atuarem na construção de ações de promoção e prevenção em saúde, sobretudo para a população negra. Este fenômeno fez com que, cada vez mais, pesquisas, elaborações teóricas e metodológicas estejam atentas para a dimensão de promoção e prevenção em saúde dos terreiros (SERRA, 1978; MONTERO, 1985; TEIXEIRA, 1994; SILVA, 2003; ALVES & SEMINOTTI, 2009; MANDARINO & GOMBERG, 2009; SERRA, PECHINE & PECHINE, 2010; MOTA & TRAD, 2011; PINTO, 2011; GOMBERG, 2011; MANDARINO, JESUS, PASSY & GOMBERG, 2012; MELLO & OLIVEIRA, 2013; MORAIS, 2021), de modo a fazer notar as potencialidades de parcerias entre os terreiros e o Sistema Único de Saúde (SUS), o que favorece a implementação da PNSIPN. A experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde (Renafro) tem mostrado de modo concreto essa possibilidade.

Renafro: Uma voz da organização dos terreiros na saúde

Neste texto apresentaremos algumas dimensões da experiência da Renafro, de modo a apontar alguns alcances e desafios da interação entre a Rede e o SUS que findam por apresentar, também, a perspectiva das religiões de matrizes africanas sobre as dificuldades de implementação da PNSIPN. Fazer perceber as parcerias possíveis entre o SUS e as comunidades de terreiro pode abrir novos caminhos, mais profícuos, para construir elementos que auxiliem na difícil tarefa de fortalecer as estratégias de implementação da Política, traçando rotas e aprendendo com experiências que já funcionam e estabelecendo vínculos com os atores e atrizes sociais já habituados a lidar com a complexa problemática da saúde da população negra, como é o caso das comunidades que vivenciam as religiões de matrizes africanas.

A existência de dezenas de milhares de terreiros espalhados por todo o território nacional traz um elemento facilitador de construções de caminhos para a implementação da PNSIPN. Apostamos que a parceria entre o SUS e os Terreiros pode ser enriquecedora tanto no que diz respeito ao trato com a Política quanto com uma espécie de aprendizado que o SUS possa ter com relação às estratégias de acolhimento e cuidado, já elaboradas, testadas e problematizadas no contexto das práticas das religiões afro-brasileiras, que findaram por se especializar no atendimento às populações historicamente excluídas.

A Renafro é um movimento da sociedade civil organizada que tem como componentes fundamentais praticantes das mais diversas religiões de matrizes africanas e ameríndias como os candomblés, a umbanda, o batuque, o xangô, os tambores de mina, o terecô, a jurema, entre outras. São também participantes da rede gestoras/es e outras/os profissionais de saúde e pesquisadoras/es da saúde da população negra, membros de organizações não-governamentais e militantes dos movimentos negros (SILVA, 2007, 172-173).

A Rede está presente em vinte estados e no Distrito Federal e foi constituída em março de 2003, durante a realização do II Seminário Nacional sobre Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, realizado na cidade de São Luís, no Maranhão.

Os objetivos da Renafro são:

lutar pelo direito humano à saúde; valorizar e potencializar o saber dos terreiros em relação à saúde; monitorar e intervir nas políticas públicas de saúde exercendo o controle social; combater o racismo, sexismo, homofobia e todas as formas de intolerâncias; legitimar as lideranças

dos terreiros como detentores de saberes e poderes para exigir das autoridades locais um atendimento de qualidade, em que a cultura do terreiro seja reconhecida e respeitada; estabelecer um canal de comunicação entre os adeptos da tradição religiosa afro-brasileira, os gestores, profissionais de saúde e os conselheiros de saúde (SILVA, 2007, p. 173).

Com esses objetivos, a Renafro socializa experiências, promove capacitações tanto para membros das comunidades de terreiro quanto dos profissionais de saúde para promover a interação entre o SUS e as comunidades afro-religiosas em busca de uma cooperação para a criação de estratégias de saúde que atendam as populações vulnerabilizadas, em especial, a população negra. As experiências bem-sucedidas são, então, *carros chefes* para a articulação nacional, de modo que os terreiros nos mais diversos lugares do Brasil possam se apropriar dessas experiências, modificá-las e fazer com que em seus locais se multipliquem, respeitando as diversidades regionais e os múltiplos saberes e estratégias presentes nas diferentes religiões afro-brasileiras que compõem a Rede.

Até 2016 ocorreram doze seminários nacionais, nos quais gestores públicos, profissionais de saúde e os membros da comunidade afro-religiosa interagiram socializando estas experiências. Também acontecem seminários estaduais, regionais e distritais, além dos encontros municipais em diversos lugares do Brasil, consolidando o acúmulo de discussão entre gestão/serviços de saúde e comunidades de terreiro.

Ao mesmo tempo, por meio das atividades da Renafro, estrutura-se uma estratégia de valorização dos saberes tradicionais como parte da busca de consolidação do princípio de integralidade do SUS, buscando atender as mais diversas dimensões da experiência das populações que vivenciam a tradição afro-religiosa, contribuindo para a salvaguarda desses saberes e construindo elementos para a capacitação de lideranças religiosas para a atuação no controle social em saúde e criando modos potencializadores para a inserção das comunidades de terreiro nas práticas da educação popular em saúde, trazendo para esta a experiência ancestral acumulada nos terreiros, de modo a fazer dialogar as demandas das comunidades e as possibilidades do SUS, através do modo de ensinar e aprender típico dos terreiros, baseado na ancestralidade, na autoridade da senioridade e na importância da experiência, do *aprender fazendo*, que não despreza saberes novos que são sempre acolhidos na medida em que a tradição dos terreiros lhes incorpora e atribui sentidos.

Estes seminários são encontros de culminância das atividades rotineiras da Renafro, que se iniciam com a capacitação de núcleos espalhados pelos municípios brasileiros, sempre baseada na forma típica das diversas religiões afro-brasileiras em se organizarem, articularem saberes e, também, disseminar informações, valores e práticas, o que se dá sempre a partir da realidade de cada local onde se localizam as casas de tradição afro-brasileira que participarão do núcleo.

Estes núcleos seguem a organização nacional, composta de uma coordenação geral, uma secretaria executiva e da coordenação de quatro grupos de trabalho: “Mulheres de Axé”, “Homens de Axé”, “Juventude de Terreiro” e “Comunicação”. Cada um desses grupos está vinculado à coordenação geral de cada núcleo e desempenha atividades de prevenção e promoção da saúde, além de capacitações para o controle social e educação popular em saúde.

Estes grupos são orientados de tal modo a enfatizarem cada segmento das populações vivenciadoras das comunidades de terreiro, com suas especificidades e procurando trazer temas e ações que sejam afeitos a cada um dos grupos de trabalho (com exceção da comunicação que veicula e dissemina informações de todos os demais grupos de trabalho). A saúde da mulher, a saúde do homem, a saúde da juventude é abordada de modo multidimensional, levando em consideração os fatores sociais, espirituais e materiais que provocam as doenças e buscam estratégias para criar espaços de intervenção na prevenção e promoção em saúde.

Neste sentido, a Renafro entende que, a depender de que tipo de doença está em jogo, o SUS pode ser complementar à terapêutica do terreiro ou a terapêutica do terreiro pode ser complementar à do SUS, sem desmerecer as competências de nenhuma das abordagens. A noção de saúde que se aborda aqui envolve o equilíbrio entre o físico, psicológico, espiritual, de modo que todas as dimensões da experiência humana sejam tratadas na busca da harmonia que configura um modo saudável de vida. E aqui, o enfrentamento ao racismo tem um lugar fundamental. Como a maior parte da população que frequenta os terreiros é negra, temos a percepção não apenas de que o racismo faz mal à saúde, como enfrentar o racismo é condição incontornável para que uma parte importante das doenças que atingem as pessoas negras seja enfrentada na busca de uma vida saudável, de modo que combater o racismo seja, literalmente, promover a saúde. Por isso a inserção da Renafro no Programa de Combate ao Racismo Institucional (PCRI) do Governo Federal foi importante para a capacitação de membros da Rede, sobretudo no

que diz respeito à formação para a atuação nos mecanismos de controle social nas instâncias municipais e estaduais (SILVA, 2007, p. 175).

Além das atividades de promoção e prevenção em saúde desempenhadas pelos diversos municípios e estados participantes da Renafro, que muitas vezes implicam na realização – nos espaços dos terreiros – de oficinas de prevenção a DSTs e Aids, na abertura dos terreiros para a presença de profissionais do SUS para testagens (glicemia, HIV etc.), aferimento de pressão arterial, palestras sobre a doença falciforme e outras enfermidades prevalentes na população negra.

Também há o uso de ervas medicinais para o tratamento de diversas doenças e rodas de conversa com a comunidade sobre temas diversos sobre a saúde em geral e a saúde da população negra em específico, utilizando-se de estratégias de educação popular em saúde atravessadas pelos modos tradicionais dos terreiros em lidar com essas questões, o que facilita o trânsito das comunidades pelas diversas portas de entrada do SUS, evitando com que as pessoas procurem apenas a atenção terciária para o atendimento e otimizando a utilização da atenção primária em saúde. Rotineiramente, estas atividades contam com a presença de gestores e outras/os profissionais da saúde, o que promove um fortalecimento de apoio mútuo entre a Renafro e o SUS. Outra atividade da Renafro bastante destacada é o projeto “Caravana do Axé”, que percorre municípios, utilizando espaços dos terreiros para a promoção e a prevenção em saúde.

Desta maneira, a Renafro interage com a PNSIPN de modo a auxiliar sua implementação de diversas formas, estabelecendo relações diretas com a marca, as diretrizes e os objetivos da Política (BRASIL, 2013, p. 18-20). Destacamos algumas destas contribuições:

- a) Em seu caráter de articulação da sociedade civil, ocupada em combater as iniquidades em saúde, sobretudo no que diz respeito à população negra, a rede capacita seus membros para agirem no controle social de modo a auxiliarem no monitoramento e avaliação da Política e demandar sua implementação e fortalecendo a gestão participativa;
- b) Em suas ações, promovem capacitações para o atendimento das comunidades de terreiro no SUS, de modo que tanto vivenciadoras/es das comunidades de terreiro quanto gestores públicos tenham a inserção de temas ligados ao impacto do racismo no processo de saúde da população negra;

- c) Ao valorizar os conhecimentos, práticas e valores das comunidades afro-religiosas, contribuem para a disseminação de saberes sobre a saúde da população negra já experimentados e tratados no interior das comunidades de terreiro;
- d) Contribui diretamente na desconstrução de estereótipos e preconceitos no que diz respeito às comunidades afro-religiosas e utiliza-se de estratégia de comunicação em saúde para trabalhar com os temas vinculados à saúde da população negra, de modo a auxiliar na redução de vulnerabilizações provocadas pelo racismo;
- e) Ao ter como participantes terreiros que, em sua grande maioria, estão em locais em que as populações mais vulneráveis habitam, atuam de modo a reduzir danos relativos à dificuldade de acesso dessas populações aos sistemas de saúde, assim como as orienta sobre os meios de acesso e o direito à saúde;
- f) Ao trabalhar, sobretudo nos Grupos de Trabalho dedicados aos Homens de Axé, Mulheres de Axé e Juventude de Terreiro com a temática da diversidade de orientação sexual e de gênero, contribui para a inclusão deste tema na educação popular em saúde que alcança os membros da rede e as comunidades atendidas pelos terreiros que atuam articulados na Rede;
- g) Busca sensibilizar profissionais de saúde para a temática do racismo e sobre o tema da violência que assola a população negra - em especial a juventude - como fator determinante de processos de adoecimento;
- h) Através de seus encontros, reúne pesquisadoras/es acadêmicos sobre a saúde da população negra que não apenas divulgam suas pesquisas, mas recebem demandas das comunidades de terreiro, criando uma rede de pesquisas que atenda às necessidades dessas comunidades, o que resulta na produção de informações que ficam à disposição do SUS para o monitoramento e a avaliação da Política.

A Renafro e a projeção das ações dos terreiros no campo da saúde

Desde a constituição de 1988, os esforços para o fortalecimento da participação social nas instâncias das políticas públicas têm sido intensos. Com a Lei 8.080/1990, que institui a política do SUS, a participação da comunidade é colocada como um dos princípios que orientam o Sistema. Entretanto, a tarefa de estabelecer modos construtivos de participação é um desafio ainda enfrentado. Os conselhos de saúde, sobretudo em

municípios, têm ainda uma grande fragilidade na participação da sociedade civil, o que torna muito mais delicado o processo de controle social no que diz respeito às tarefas de monitoramento e avaliação das políticas.

O vasto histórico de resistência e organização das comunidades de terreiro trouxe a seus membros uma série de elementos que os capacitam para um trabalho de controle social, valendo-se dos conhecimentos e valores cultivados no interior dos terreiros. Como os terreiros funcionam não apenas como instituições religiosas – e normalmente têm complexas e dinâmicas relações com as comunidades circundantes – acabam por ter uma visibilidade das fragilidades e vulnerabilidades que atravessam as experiências das pessoas que vivenciam os terreiros e aquelas que são vizinhas dos templos afro-religiosos. Essa percepção, aliada à explícita prática de acolhimento que os terreiros desenvolveram ao longo dos muitos anos de suas existências em nosso país deu aos povos e comunidades de matrizes africanas uma sagacidade ímpar para a participação no controle social e, também, para uma interação colaborativa e generosa por oferecer modelos para a difícil prática do acolhimento nos sistemas de saúde.

A atividade em rede que os terreiros têm desenvolvido através da Renafro tem mostrado uma potência de colaboração bastante importante para a consolidação do SUS e, de modo bastante produtivo, com a PNSIPN. Estas estratégias colaborativas têm conseguido manter boas relações com as instâncias municipais, estaduais e federais do SUS, articulando gestoras/es e outras/os profissionais da saúde na busca da implementação da Política. As parcerias, por exemplo, com as Secretarias Municipais de Saúde têm conseguido, na experiência da Renafro, colaborar para a realização de atividades de prevenção e promoção da saúde em diversos municípios brasileiros, sobretudo em regiões com baixo índice de desenvolvimento humano. As diversas parcerias também com o Departamento de Apoio à Gestão Participativa do Ministério da Saúde foram importantes para a socialização das experiências através de seminários nacionais, assim como a produção de materiais utilizados pela Renafro em diversos estados.

A Rede tem possibilitado que a gestão do SUS tenha uma maior proximidade das comunidades de terreiro, que durante muito tempo foram alijadas da atenção em saúde em função de uma série de estereótipos que não deixavam ver seu potencial de atuação na garantia de qualidade de vida e saúde das populações mais pobres e vulnerabilizadas, em especial a população negra, auxiliando na concretização do princípio de

universalidade, um dos mais caros ao SUS e que encontra uma dificuldade maior ainda de viabilização no que diz respeito à população negra em decorrência do racismo. A atuação da Renafro, também como agente de educação popular em saúde, tem promovido um melhor conhecimento do funcionamento do SUS pelos membros da rede, além das comunidades assistidas pelos terreiros, o que já é uma enorme contribuição para o bom funcionamento do Sistema.

A própria percepção da saúde que atravessa os terreiros os torna, como a própria Renafro, também parceiros de outras políticas de equidade, como a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, a Política Nacional de Saúde Integral da Saúde do Homem, a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a Política Nacional para a População em Situação de Rua, a Política Nacional de Humanização, a Política Nacional de Educação Popular e Saúde, entre outras, dando a cada uma dessas políticas contribuições e as articulando com as experiências das comunidades afro-religiosas e atenta ao recorte racial que impacta essas políticas.

Vale ainda ressaltar que a Renafro teve, ao menos até 2017, assento nas seguintes instâncias de controle social em nível nacional: Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, Conselho Nacional da Juventude, Conselho Nacional de Saúde - Comissão Intersetorial da Saúde da População Negra e Comissão Intersetorial da Saúde da População LGBT, Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde e Comitê Nacional de Educação Popular e Saúde do Ministério da Saúde

Potenciais e desafios das ações dos terreiros frente à PNSIPN

Pensar no potencial multiplicador da experiência dos terreiros, por meio da Renafro, nos coloca uma série de questões e desafios para a continuidade das atividades da Rede. Apesar da força que foi ensinada pela ancestralidade guerreira em torno de uma resistência cultural que foi desenvolvida pelos terreiros é importante pensar nas condições materiais de multiplicação das atividades da Rede.

As diversas atividades da Rede, para além da dinâmica já cheia de afazeres das comunidades afro-religiosas, precisam de um suporte para que suas tarefas sejam desempenhadas, que vão desde o acesso a preservativos e testes rápidos até a apoio logístico para a realização de encontros dos diversos membros da rede, nas três esferas

federativas. Neste cenário, a construção de políticas públicas que possibilitem a integração dos terreiros ao SUS, que não retire a autonomia das comunidades afro-religiosas e nem as colonize, é uma das demandas fundamentais. As comunidades já fazem um precioso trabalho, mas para que ele seja reconhecido e multiplicado, o auxílio dos agentes do Estado é necessário.

Outro elemento que deve ser ainda considerado, em função de sua relevância é aquilo que aparece como marca da PNSIPN: o reconhecimento do racismo. Embora isso apareça formalmente nos documentos, não é verificado na experiência cotidiana das cidades brasileiras. É muito comum que ainda se encontre o discurso de que o problema sério é que deve demandar, portanto, os maiores esforços são aqueles ligados com a alocação de recursos, isto é, são problemas econômicos, e esse tipo de discurso secundariza a importância do racismo no processo de adoecimento da população negra em nosso país.

No que diz respeito às religiões de matrizes africanas, é importante notar que o racismo se expressa de uma maneira radicalmente violenta e assume a forma daquilo que se costuma chamar de ‘intolerância religiosa’. Entretanto, é fundamental notar que essa ‘intolerância’ é apenas um sintoma do racismo contra as religiões afro-brasileiras. Talvez fosse mais apropriado nomear este fenômeno de “racismo religioso” (FLOR DO NASCIMENTO, 2017).

As religiões de matrizes africanas são os alvos mais vulnerabilizados pelos ataques de racismo religioso no Brasil. Mas o que se ataca nessas religiões? É o fato de que não elas sejam cristãs? Diversas outras religiões de nosso país não o são e nem por isso elas têm seus templos e suas lideranças atacadas com tanta violência. É o caso de serem (como pensa, de modo indevido, o imaginário racista) praticantes de bruxaria? Wiccas e outros grupos neopagãos praticam as chamadas bruxarias e, nem por isso, são atacados da mesma forma.

O que se ataca é exatamente a origem africana destas religiões. É estratégia racista demonizar as religiões de *matrizes africanas*, fazendo com que elas apareçam um grande inimigo a ser combatido, não apenas com o proselitismo das palavras, mas também através de ataques aos templos e à integridade física e à vida de afro-religiosas/os. Essa violência já é, em si, um dos elementos de adoecimento das pessoas que vivenciam as comunidades de terreiro. As/os afro-religiosas/os já vêm travando uma árdua batalha contra essa nefasta forma de racismo, mas são necessárias políticas públicas que

enfrentem esse fenômeno e consolidar as estratégias educativas que desmistifiquem o imaginário sobre as religiões afro-brasileiras.

Considerações finais

Além das diversas atividades já mencionadas e os encontros municipais, estaduais e nacionais, a Renafro tem se mobilizado para a produção de materiais que divulguem suas ações, sejam informativos relativos à saúde da população negra e do povo de terreiro, livros, sites, cartilhas, cartões postais, páginas da coordenação nacional e de alguns núcleos regionais na rede social Facebook e um belo e instigante documentário sobre as estratégias de acolhimento nos terreiros, realizado em parceria com o Departamento de DST-AIDS e Hepatites Virais do Ministério da Saúde e também lançado em parceria com a DAGEP/MS em 2013, chamado “O cuidar no Terreiro”.

A capacitação dos membros da rede e o atendimento às comunidades que compõem os terreiros e as que os circundam, além da valorização e reconhecimento dos saberes, valores e práticas são alguns dos impactos importantes das atividades da Renafro e que merecem uma atenção maior por parte dos agentes públicos de saúde, exatamente pelo seu papel parceiro para a implementação da PNSIPN e fortalecimento da participação social no SUS.

A partir da percepção da saúde como direito humano as religiões de matrizes africanas, em sua particular generosidade, têm contribuído para que as populações que procuram essas comunidades religiosas tenham o melhor atendimento possível, através da prática do acolhimento e da aplicação da noção de saúde que é presente no cotidiano afro-religioso.

As possíveis parcerias entre o SUS em suas três esferas federativas e os terreiros podem potencializar a ação já presente nos terreiros, mas infelizmente ainda pouco visibilizadas em função do racismo e dos estereótipos que ainda perseguem as religiões de matrizes africanas. Nesse cenário, a Renafro tem oferecido um importante apoio para o Sistema Único de Saúde ao mesmo tempo em que desenvolve suas atividades em rede, que a caracterizam.

Ao enfatizar a necessidade do trato com os princípios da equidade da integralidade (SILVA, DACACH & LOPES, 2005, p. 24), tanto os terreiros como a Renafro assumem

uma posição marcada pelo enfrentamento das iniquidades em saúde e, sobretudo, em sua dimensão provocada pelo racismo.

O apoio mútuo entre os serviços de saúde e os terreiros podem potencializar a implementação da Política Nacional de Atenção à Saúde da População Negra, trazendo benefícios para a saúde desta população e para a saúde de todo o povo de nosso país, em geral. A valorização da cultura mantida nos terreiros traz benefícios para toda a sociedade e nessa aposta, esperamos que gestores e outros profissionais de saúde estejam convidados a partilhar da experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde, na busca de construção de um sistema de saúde mais justo, mais acolhedor e que contribua para a construção de um país mais democrático⁷.

Referências

ALVES, Miriam Cristiane; SEMINOTTI, Nedio. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. **Revista de Saúde Pública**, v.43, Supl.1, p. 85-91, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde/SEGEPI/DAGEPI. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. Uma política do SUS. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013.

FLOR DO NASCIMENTO, wanderson. O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas. **Revista Eixo**, vol. 6, nº 2 (Especial), p. 51-56, 2017.

GOMES, Márcia Constância Pinto Aderne. Projeto: Yle Ayie yaya ilera (Saúde plena na casa desta existência): equidade e integralidade em saúde para a comunidade religiosa afro-brasileira. **Interface** (Botucatu), v.14, n.34, p.663-72, setembro de 2010.

MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio. Dimensões sociais e terapêuticas contemporâneas da religião afro-brasileira Candomblé. **RELIGARE – Revista de Ciências das Religiões**, n. 6, p. 9-22, 09/2009.

MANDARINO, Ana Cristina de Souza; JESUS, Alexnaldo Neves de; PASSY, Regina; GOMBERG, Estélio. Percursos e significados terapêuticos na religião afro-brasileira Candomblé. **Fórum Sociológico**, n. 22, p. 43-51, 2012.

MELO, Márcio Luiz; OLIVEIRA, Simone Santos. Saúde, religião e cultura: um diálogo a partir das práticas afro-brasileiras. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.22, n.4, p.1024-1035, 2013.

⁷ Atualmente, a Renafro é coordenada nacionalmente por Nilce Naira (Mãe Nilce de Iansã, do Rio de Janeiro) e por Valmir Martins (Babá Diba de Iyemonjá, do Rio Grande do Sul).

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem**: a cura mágica na Umbanda. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MORAIS, Mariana Ramos de. “Povos e comunidades tradicionais de matriz africana” no combate ao “racismo religioso”: a presença afro-religiosa na Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. **Religião e Sociedade**, n. 41, vol. 3, p. 51-73, 2021.

MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bomfim. A gente vive pra Cuidar da População: Estratégias de Cuidado e Sentidos Para a Saúde, Doença e cura nos terreiros de Candomblé. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.20, n. 2, p.325-337, junho de 2011.

PINTO, Elisabete Aparecida et al. O diabo mora ao lado: representações sociais de profissionais de saúde e adeptos do Candomblé sobre as práticas de saúde desenvolvidas em terreiros de Candomblé no município de São Francisco do Conde, Bahia. In: **Seminário Nacional Sociologia & Política**, 2011, Curitiba. Anais do Seminário Nacional de Sociologia & Política, Curitiba, UFPR, v. 12, p.3-20, 2011.

SERRA, Ordep. **Saúde e salvação na trilha das crianças**: os erês num terreiro angola. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília, 1978.

SERRA, Ordep; PECHINE, Maria Cristina Santos; PECHINE, Serge. **Candomblé e políticas públicas de saúde em Salvador, Bahia**. Mediações, Londrina, v. 15, n.1, p. 163-178, Jan/Jun. 2010.

SILVA, José Marmo da (org.). **Religiões afro-brasileiras e saúde**. São Luís: Centro de Cultura Negra, 2003.

SILVA, José Marmo da. Religiões e Saúde: a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.16, n.2, p.171-177, 2007.

SILVA, José Marmo da; DACACH, Solange; LOPES, Fernanda. **Atagbá**: guia para a promoção da saúde nos terreiros. Rio de Janeiro: Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde, 2005.

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. **A encruzilhada do ser**: representações sobre a (lou)cura em terreiros de Candomblé. Tese de Doutorado, FFLCH/Depto. de Antropologia/USP, 1994.

Recebido em 07/11/2022
Aprovado em: 16/11/2022